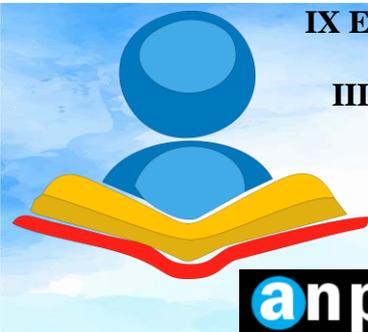


**IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS (EPEAL)
V ENCONTRO ALAGOANO DE ENSINO DE CIÊNCIAS
III ENCONTRO REGIONAL DA ANPAE/SECCIONAL DE ALAGOAS
TEMA: CENÁRIOS E NECESSIDADES FORMATIVAS**



anpae



PPGE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CEDU - UFAL



PPGECIM
Programa de Pós-
Graduação em Ensino de
Ciências e Matemática



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS**

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL DAS
CRIANÇAS E NEGRAS QUILOMBOLAS**

José Artur do Nascimento Silva - UFJF/CAPES¹
E-mail: artus2007nascimento@hotmail.com

Julvan Moreira de Oliveira - UFJF²
E-mail: Julvan.moreira@ufjf.edu.br
Líder do grupo de pesquisa ANIME

RESUMO

Considerando o quilombo como um espaço próprio de ancestralidade, resistências, memórias, lutas e liberdade do povo negro, apontamos para a necessidade de alinhar este projeto de pesquisa mediante a necessidade de direcionar o olhar para as crianças e negras quilombolas a partir das relações que elas estabelecem consigo e com outros a partir das construções de suas identidades étnicas neste espaço. Assim, este trabalho é parte do projeto de pesquisa que está em andamento e tem por objetivo analisar o processo de construção da identidade étnico-racial das crianças e negras quilombolas em Muquém. Para alcançarmos o proposto iremos fazer uma pesquisa etnográfica; realizando vídeo filmagens com as crianças e negras da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, para analisarmos como as crianças se tratam, se percebem, como percebem outras crianças e negras naquele espaço; observar como os demais sujeitos da escola, tratam e veem as crianças e negras. Desse modo, espera-se obter resultados significativos, quanto ao tratamento das crianças e negras, como um campo novo nas pesquisas acerca das relações étnicas em Comunidade de Remanescentes Quilombolas.

PALAVRAS-CHAVE: Muquém - Crianças e negras - Identidade étnico-racial.

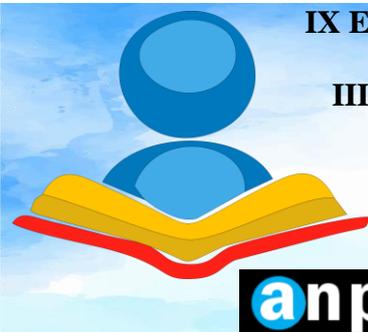
1 INTRODUÇÃO

Inicialmente, gostaríamos de evidenciar que este trabalho ainda em fase inicial, compõe um conjunto de elementos introdutórios para uma pesquisa macro que ainda está em andamento. Este, é um recorte do projeto de pesquisa que está vinculado a linha três - Discursos, práticas, ideias e subjetividades em processos educativos - no grupo de pesquisa Africanidades, Imaginário e Educação do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG. Neste sentido, o trabalho ainda em processo de construção, centra-se nos estudos da educação das relações étnico-raciais com foco no processo de construção das identidades étnico-raciais das crianças e negras quilombolas. O lócus da

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora; Mestre em Educação pela UFAL; Professor da Educação Básica na Rede Municipal de União dos Palmares-AL.

² Professor do Departamento de Educação, do Programa de Pós-graduação em Educação e do Programa de Pós-graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutor e mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Líder do Grupo de Pesquisa ANIME (UFJF).

**IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS (EPEAL)
V ENCONTRO ALAGOANO DE ENSINO DE CIÊNCIAS
III ENCONTRO REGIONAL DA ANPAE/SECCIONAL DE ALAGOAS
TEMA: CENÁRIOS E NECESSIDADES FORMATIVAS**



anpae



PPGE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CEDU - UFAL



PPGECIM
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

pesquisa é uma comunidade de remanescentes quilombola que fica localizada aos pés da Serra da Barriga, na cidade de União dos Palmares - AL.

Para tanto, por mais que este projeto não dialogue diretamente com o fio da memória, da história oral, ressalta-se que o fio condutor da memória é o ponto chave para que se possa pensar, inclusive, que esta pesquisa surge como um acerto de contas com o passado não tão distante assim, uma vez que, ainda é possível tomar este exemplo com disparador para pensar outras formas de pensar o espaço escolar e outros. Vejamos o ocorrido abaixo:

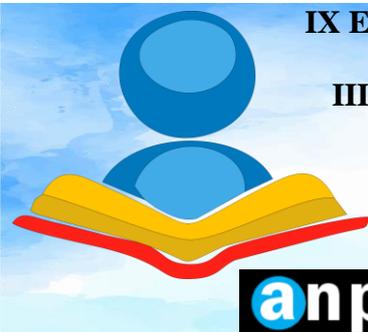
É agosto de dois mil e dezessete, nas proximidades da semana do folclore brasileiro, e eis que na escola da Comunidade de Remanescente Quilombola de Muquém, em União dos Palmares – AL, localizada aos pés da Serra da Barriga, saem para o horário de intervalo, quatro crianças, param diante de um cartaz que fazia alusão ao folclore brasileiro e iniciam o seguinte diálogo:

- Dandara: Eu sou essa... (e leva o dedo até a Iara, uma personagem do folclore brasileiro, representada geralmente branca, cabelos loiros, olhos claros...).
- Tereza: Ah! Eu também sou essa daqui... (e leva o dedo até a Iara).
- Pedro: Ah! Eu sou esse daqui... (e leva o dedo até o boto cor de rosa, um homem branco, cabelos lisos...).

Observado este diálogo, nos cabe ressaltar que todas as crianças citadas acima são, aos nossos olhos, visivelmente negras, mas não se identificaram nesse momento observado e nos perguntamos se esta razão se dá em decorrência de não termos no cartaz personagens negros, para que elas pudessem apontar para os mesmos.

Entretanto, este foi o ápice para que pudéssemos elaborar o seguinte objetivo geral para a pesquisa em andamento: analisar o processo de construção da identidade étnico-racial das crianças e negras quilombolas em Muquém, de modo que nos perguntamos como ocorre este processo de construção das identidades, também no espaço escolar e conseqüentemente, fora dele.

Nessa perspectiva, Silva (2011), tem percebido o quanto crianças de pele clara têm discriminado crianças e negras e algumas dessas não reagem ao ato, outras ficam envergonhadas, outras agridem, e ainda há professores que acham ser brincadeiras de crianças. Essa marca da agressão, do silenciamento, da negação do outro, da inferiorização,



anpae



PPGE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CEDU - UFAL



PPGECIM
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

do preconceito materializado na discriminação racial tem tentando negar a existência também do povo negro por longas datas.

Gostaríamos de dialogarmos com outros elementos que sustentarão a base teórica destes escritos. Porém, privilegiamos aqueles que dialogam com a possibilidade de pensar as identidades das crianças e negras. É o que faremos na próxima seção deste trabalho.

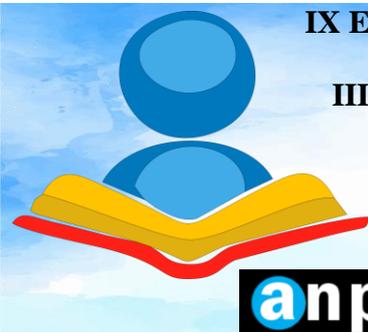
2 A IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL DAS CRIANÇAS E NEGRAS QUILOMBOLAS: UM PROCESSO DE CONSTANTE (RE)CONSTRUÇÃO

É necessário destacar que os caminhos aqui trilhados perpassarão também sob a condição de um pesquisador e negro, que assim como tantas outras crianças e negras, sofremos preconceito por sermos negros/as e a que a cada instante, nossos coleguinhas de sala, nos atribuíam os mais enojados apelidos: “negrinho”, “carvão”, “tição”, “nego fedorento”, “urubu” e tantos outros. As crianças negras geralmente são apresentadas como os filhos das empregadas, não lhes são atribuídos nomes, mas apelidos por sua cor de pele, além de perceber ausência de características e atributos de gente e os associam a animais. (SILVA, 2004).

Não distante do que destaca a autora e sentir isto na pele, ser comparado em vários momentos da infância a seres sobrenaturais, animais, coisas sem utilidade alguma, me subia uma sensação de impotência, revolta, dor, ódio, medo. E o pior: o silenciamento. Este acarreta uma omissão também por parte dos colegas que presenciavam e não sabiam como reagir, a não ser, rir; dos professores, que na verdade, era o que mais me incomodava, e os tornavam indiretamente cúmplices; dos gestores, por não saber lidar com as devidas situações, por não elaborarem propostas pedagógicas que fossem capazes de fortalecer as relações étnicas dentro do ambiente escolar. E é importante ressaltar que a despreocupação com as convivências multiétnicas quer na família, quer na escola, pode colaborar para a formação de indivíduos preconceituosos e discriminadores. (CAVALLEIRO, 2000).

Contemporaneamente, precisamos nos atentar para uma escola que supere todas as formas de preconceito e discriminação existentes no seu entorno. Gomes (2010, p. 104) aponta que,

**IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS (EPEAL)
V ENCONTRO ALAGOANO DE ENSINO DE CIÊNCIAS
III ENCONTRO REGIONAL DA ANPAE/SECCIONAL DE ALAGOAS
TEMA: CENÁRIOS E NECESSIDADES FORMATIVAS**



anpae



PPGE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CEDU - UFAL



PPGECIM
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

A escola brasileira, pública e particular, está desafiada a realizar uma revisão de posturas, valores, conhecimentos, currículos na perspectiva da diversidade étnico-racial. Nos dias atuais, a superação da situação de subalternização dos saberes produzidos pela comunidade negra, a presença dos estereótipos raciais nos manuais didáticos, a estigmatização do negro, os apelidos pejorativos e a versão pedagógica do mito da democracia racial (igualdade que apaga as diferenças) precisam e devem ser superados no ambiente escolar não somente devido ao fato de serem parte do compromisso social e pedagógico da escola no combate ao racismo e à discriminação racial, mas, também, por força da lei.

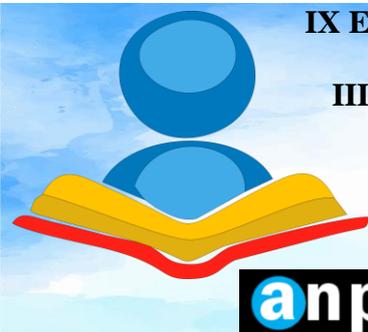
Obviamente que temos encontrado um currículo escolar único, onde há uma valorização de culturas e povos europeus e em vasto momento uma inferiorização dos estudos, ensino da cultura, história da África e dos afro-brasileiros nos currículos escolares. É desafiador inserir e romper com a lógica que está posta nos currículos e, para isso, é necessário aos olhos de Silva, (2005) uma prática pedagógica que possa ver e consertar os estereótipos negativos e a invisibilidade a qual as crianças negras são apresentadas, por exemplo, nos livros didáticos.

Abramowicz (2010) desponta que a cultura negra é negada na escola. E, conseqüentemente, no currículo. E ainda, segundo ela, esta negação não está atrelada apenas ao modo de inexistência, silêncio, omissão, mas também como uma forma de não enxergar, de quebrar um 'pacto' que não possa se quebrar, do contrário, teríamos que refazer o currículo e a escola. Precisamos de um currículo escolar que além de educar as crianças para uma boa convivência multiétnica, realize estudos, promova formações continuadas que contemplem as diversidades de raça/cor, gênero/sexualidade, credo/religião.

Neste cenário educacional encontram-se as crianças que terão na escola, como uma das primeiras instituições na qual o processo de socialização acontecerá posteriormente a familiar. Durante esse processo de socialização, será comum as crianças encontrarem algumas adversidades, afinal, a escola é espaço de adversidade, desde que esta não negue, prejudique a existência de outros. É importante destacar que

O processo de socialização pensado e construído como uma maneira asséptica e indolor de produzir crianças e configurar infâncias é um processo nem simples, nem fácil e nem mesmo indolor. A socialização é um processo social de exercício de poder e saber que se impõem sobre a criança, para produzi-las. A partir dos pressupostos da Sociologia, este processo deve ser entendido e descrito com a participação ativa da criança: ora resistindo, ora reinventando, ora imitando, ora aceitando, etc. (ABRAMOWICZ & OLIVEIRA, 2010, p. 42).

**IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS (EPEAL)
V ENCONTRO ALAGOANO DE ENSINO DE CIÊNCIAS
III ENCONTRO REGIONAL DA ANPAE/SECCIONAL DE ALAGOAS
TEMA: CENÁRIOS E NECESSIDADES FORMATIVAS**



anpae



PPGE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CEDU - UFAL



PPGECIM
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

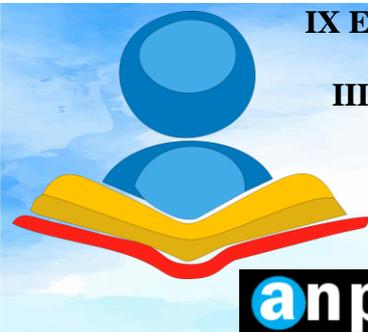
A infância de muitas crianças, e falo da criança que fui, vivenciei, presenciei e ainda presencio, não tem sido em muitas situações o lugar de tranquilidade, passividade, de boas relações multiétnicas. Constantemente passam por situações que tentam inferiorizá-las, prejudicá-las, menosprezá-las e até mesmo subalternizá-las. Este não é o lugar da infância, da criança e negra. A socialização perpassa pelo caminho da autonomia, segurança, respeito. É o lugar da autonomia que as crianças possuem, dos múltiplos significados que suas falas nos dizem. É o lugar do sentir, agir, pegar, tocar, rir, se emocionar, se conhecer, conhecer o outro, se pertencer.

Se não é este, então, o lugar da criança na pesquisa, de que lugar, de que criança pretendemos discorrer aqui? Inicialmente, o lugar, por se tratar de uma comunidade de remanescentes quilombolas, pode ser visto por muitos ignorantes, como um local de negros que foram escravizados no período colonial e fugiram das senzalas, que após a derrubada de Palmares formaram-se tais comunidades. Mas, estamos além de ser apenas uma comunidade de descendentes de escravizados, porque deles carregamos nossas crenças, costumes e tradições. Para além, a partir da Sociologia da Infância, pensamos em uma criança, que mesmo considerando a homogeneidade em um determinado grupo por faixa etária, é preciso considerar os fatores heterogêneos como (classe social, gênero, etnia, raça, religião etc.) levando em consideração que há diversos fatores culturais e estruturais que diferenciam as crianças. (ABRAMOWICZ & OLIVEIRA, 2010).

E a criança negra e quilombola, filha de homens e mulheres do campo, que carregam nas suas raízes genealógicas as marcas de seus ancestrais e saberes culturais produzidos por eles, encontra-se nesta produção de saberes culturais, pelos mais variados contextos sociais que está inserida, que transita pela família, pela vizinhança, na escola, entre outros. Ressalta-se da importância das crianças e negras aprenderem a produzir seus elementos culturais, próprios do seu povo, de seu pertencimento étnico.

De modo que conceber as crianças como sujeitos é estar em consonância com o princípio de que elas são capazes, competentes, que possuem um universo de conhecimentos e de formas de expressão a serem conhecidos pelos adultos. Porém, para se conhecer as possibilidades infantis, é necessário ouvir e, por conseguinte, refinar formas de escuta das crianças, atividade que ainda é pouco explorada nas pesquisas. (SANTOS, et al, 2017). Uma

**IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS (EPEAL)
V ENCONTRO ALAGOANO DE ENSINO DE CIÊNCIAS
III ENCONTRO REGIONAL DA ANPAE/SECCIONAL DE ALAGOAS
TEMA: CENÁRIOS E NECESSIDADES FORMATIVAS**



anpae



PPGE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CEDU - UFAL



PPGECIM
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

vez que elas falam por gestos, expressões, e precisamos estar atentos para esses olhares com as crianças e negras, pois em muitas situações são vítimas de um produto cultural eurocêntrico.

Assim, para Santos, et al, (2017) “o movimento, a brincadeira, o desenho, a fala, a escrita, dentre outros, são recursos da expressão da criança”. E, “buscar formas de ouvir as crianças, explorando as suas múltiplas linguagens, tem como pressupostos a crença de que elas têm o que dizer e o desejo de conhecer o ponto de vista delas”. (CRUZ, 2008, p. 13). Destaca-se ainda das suas contribuições para a pesquisa, pois, ouvi-las agrega as diferentes possibilidades de olhares, gostos, desejos, sensações, limitações, inibições, além das expressões causadas por situações correlatas de preconceito e discriminação por conta da cor da pele, bem como pela ausência da comunicação em denunciar tais atos.

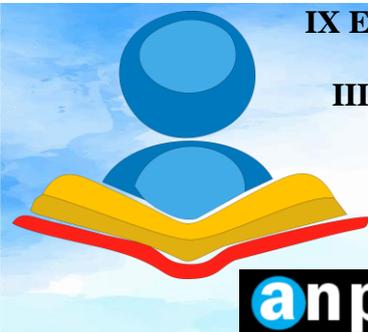
Nessa direção, Abromowicz e Rodrigues (2014, p. 462), nos direciona para uma descolonização que para elas é “produzir uma processualidade na qual é possível constituir experiências sociais e individuais singulares, que descentalizem, ou façam fugir os modelos e lugares hegemônicos que centralizam sentidos, norma, estética, saúde, entre outros; dominantes e que se constituam para além da lógica do capital”. E romper com esta lógica do capital, especificamente o educacional, é romper com práticas racistas, nas quais crianças e negras levam empurrões, são xingadas, são chamadas de bonecas de piche, cabelo de Bombril entre tantos outros.

Precisamos romper essas práticas dentro do ambiente escolar e conseqüentemente em uma escola localizada em comunidades de remanescentes quilombolas é tarefa desafiadora de todos que compõem o ambiente escolar. No currículo da Educação Escolar Quilombola, tal como está posto nas Diretrizes, os

modos de organização dos tempos e espaços escolares de suas atividades pedagógicas, das interações do ambiente educacional com a sociedade, das relações de poder presentes no fazer educativo e nas formas de conceber e construir conhecimentos escolares, constituindo parte importante dos processos sociopolíticos e culturais de construção de identidades. (BRASIL, 2008, p. 13).

Do jeito que está escrito no documento que direciona os meios para a educação neste espaço escolar, nos cabe indagar: como estão organizados os tempos escolares, as atividades pedagógicas na escola de Muquém contemplam a identidade étnica da criança e negra?

**IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS (EPEAL)
V ENCONTRO ALAGOANO DE ENSINO DE CIÊNCIAS
III ENCONTRO REGIONAL DA ANPAE/SECCIONAL DE ALAGOAS
TEMA: CENÁRIOS E NECESSIDADES FORMATIVAS**



anpae



PPGE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CEDU - UFAL



PPGECIM
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Permite um intercâmbio entre ambiente escolar e comunidade local? Os saberes construídos dentro da escola levam em consideração os trazidos pelos educandos e fortalecem seus processos sociais, culturais e auxilia na construção de sua identidade? São questionamentos a fazer acerca do currículo da escola quilombola que se bem trabalhado, poderá ajudar no fortalecimento das identidades e de suas representações.

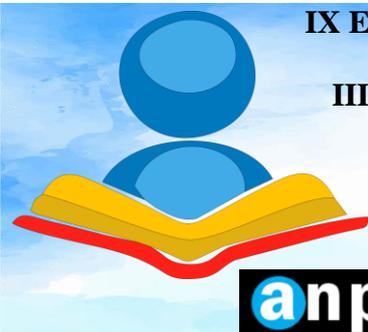
Para Silva (2015), um currículo que se preocupe com a questão do racismo deveria colocar no centro de suas práticas pedagógicas a noção de representação tal como definidas pelos estudos culturais. Isto permite deslocar a ênfase de uma preocupação realista com a verdade para uma preocupação política com as formas pelas quais a identidade é construída através da representação. E, construir a identidade das crianças e negras de forma positiva proporcionará formá-las cada vez mais cientes do papel que assumem nos espaços, no lugar, na sociedade em que elas estão inseridas.

Silva (2014) aponta que a “afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído”. A partir desta perspectiva, muitas vezes perguntamos a uma criança branca de que cor ela é, certamente ela responderá branca, afirmando sua cor. Mas, em algum momento, se perguntamos a muitas crianças negras de que cor elas são, não precisamente, mas em sua maioria, poderá dar várias respostas para dizer que não é negra.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estes escritos não estão prontos, acabados, mas reflexivos. Reflexivos, no sentido de convidar cada um de nós rompemos com toda e qualquer forma de discriminação que afetam diretamente crianças e negras, jovens e adolescentes, adultos e idosos, que são vítimas diárias, neste cotidiano que em tempos de barbárie, chamamos de Brasil. Um país machista, sexista, racista, com vícios da herança patriarcal, branca, onde teima em dizer cotidianamente qual, e, onde é o nosso lugar. Que encontra, infelizmente, legitimidade no discurso daquele que infelizmente desgoverna o país, para tentar justificar sua barbárie.

IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS (EPEAL)
V ENCONTRO ALAGOANO DE ENSINO DE CIÊNCIAS
III ENCONTRO REGIONAL DA ANPAE/SECCIONAL DE ALAGOAS
TEMA: CENÁRIOS E NECESSIDADES FORMATIVAS



anpae



PPGE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CEDU - UFAL



PPGECIM
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

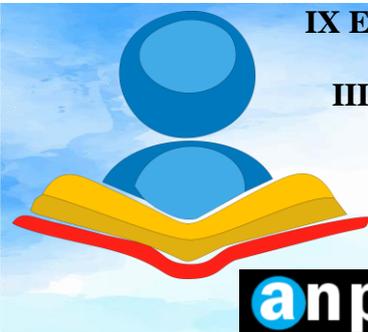
Posto esse cenário, como nossas práticas irão romper com os estereótipos criados sobre nós, sobre a população negra deste país, dentro e fora do ambiente escolar? Como os currículos, as formações continuadas, as práticas curriculares, os projetos políticos pedagógicos, professores, professoras, alunos, alunas, gestores, sociedade civil organizada, comunidades nos entornos das escolas quilombolas, povos quilombolas, nós, todos, podemos contribuir para a construção positiva das identidades étnico-racial das crianças e negras quilombolas? E não quilombolas? E não negras para fortalecermos o respeito pelo outro, as diferenças, ao próximo?

Estas (in)conclusões é um convite reflexivo para que possamos fazer diariamente nos espaços que transitamos, sejam eles formais ou não. Esta pesquisa está em fase inicial. Ainda não é possível apresentar os dados porque neste momento de escrita ainda não estamos no campo. Mas pretendemos voltar neste espaço e em outros para dialogarmos acerca da temática central que envolve este trabalho. Mas, ressaltarmos das possibilidades de se romper, não em sua totalidade, mas com nossas zonas de conforto e repensarmos como podemos contribuir para a desconstrução do imaginário que se criou sobre a população negra, pobre, favelada, quilombola.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWIZ, Anete; GOMES, Nilma Lino. **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010.
- ABRAMOWIZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção. In. **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 39-52, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacao>. Acesso em: 25 de janeiro de 2016.
- ABRAMOWIZ, Anete. RODRIGUES, Tatiane Cosentino. **Descolonizando as pesquisas com crianças e três obstáculos**. Educ. Soc., Campinas, v. 35, n. 127, p. 461-474, abr.-jun. 2014 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 25 de janeiro de 2016.
- CAVALLEIRO, Eliane - **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.
- CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.
- GOMES, Nilma Lino (Org.). **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS (EPEAL)
V ENCONTRO ALAGOANO DE ENSINO DE CIÊNCIAS
III ENCONTRO REGIONAL DA ANPAE/SECCIONAL DE ALAGOAS
TEMA: CENÁRIOS E NECESSIDADES FORMATIVAS



anpae



PPGE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CEU - UFAL



PPGECIM
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

SILVA, Ana Célia da. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada. [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

_____. **A Discriminação do negro no livro didático** – 2ª Ed. – Salvador: EDFUBA, 2004.

_____. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? por que mudou?** – Salvador: EDUFBA, 2011.

_____. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático** – Salvador : EDUFBA, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução as teorias críticas do currículo** – 3ª Ed. 7. Reimp. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; Woodward, Kathryn. **Identidade e diferença** – 15ª. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2014.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Parecer CP/CNE 03/2004. Brasília, 22/06/2004.

BRASIL. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 2008.